

MUSEU NACIONAL de MACHADO de CASTRO



COSTA BRITES

PINTURA

Quase todas as cidades de características peculiares ou fecunda história tiveram os seus pintores, artistas que as compreenderam, que as amaram e souberam captar aquilo que as individualizava e tornava distintas das restantes. Poderá dizer-se que, até hoje, tal não aconteceu com Coimbra, pese embora que os seus recantos mais típicos ou a larga mancha do seu casario modesto em anfiteatro cubra centenas de telas, a maioria das quais executadas já neste século.

Parecerá isto uma contradição, mas não é a mesma coisa ser um *pintor da cidade* ou *alguém que pinta a cidade*. O primeiro é o que a ela se dedica de alma e coração, exclusivamente, permitindo-se, quando muito, uma escapadela a um tema marginal, para logo regressar. O segundo usa a cidade como motivo, de quando em vez, como mais um dos do seu repertório. Foi isto o que se passou com Cristino, ainda no final de Novecentos e sobretudo com Fausto Gonçalves e José Contente, mais recentemente, só para citar alguns dos que já nos deixaram, há várias décadas.

Coimbra não teve até hoje, como Lisboa teve Carlos Botelho e o Porto António Cruz, quem a elegeisse como motivo primeiro e permanente da sua arte. Por isto, se outras razões não houvesse, a pintura de Costa Brites teria já de ser tomada em conta.

Mas a representação da cidade na pintura ocidental não foi sempre a mesma. Entrando pelos séculos dentro, vamos encontrar a urbe como mero marco de referência de passos da História Sagrada ou da crónica dos feitos dos grandes deste Mundo, seja na iluminura ou nas tábuas e murais que, na Idade Média, decoravam as casas das instituições religiosas. Como entidade autónoma, merecedora do primeiro ou exclusivo plano, apenas temos Jerusalém, a terrestre ou a celeste, consoante os casos, mas, sempre, uma construção ideal.

Na Renascença e no Barroco a cidade é o cenário, é apenas o espaço onde o homem desenvolve a sua actividade ou o marco que evoca o lugar de martírio ou de milagre das hagiografias ou da Vida de Cristo.

Seria necessário esperar por Canaletto e Guardi, para que a cidade se tornasse digna de ocupar o trono das Musas, fundindo-se assim a fonte de inspiração com o próprio objecto. Mas foi breve a vida deste realismo urbano.

Estes dois pintores, e esquecemos necessariamente outros menores, dedicaram-se a Veneza com paixão, souberam vê-la e, mais que isso, transcrevê-la. A sua identificação com as águas da laguna, as fachadas das igrejas e palácios e com os corsos foi tal que, nas suas telas, Veneza não só se vê, como se ouve, se cheira e se sente.

O Romantismo e a *viagem*, esse primeiro turismo, provocou o incremento das pinturas de cidades, mas agora só interessavam as recordações, os trechos mais pitorescos, os apontamentos monumentais.

O caso de Costa Brites está, indiscutivelmente, mais próximo dos de Canaletto e Guardi que de qualquer outro pintor que antes referimos. Para ele Coimbra é o objecto exclusivo da sua arte, que estuda, descobre, entende, vive e representa. Porém, este artista não é o fotógrafo da cidade, o pintor-fotógrafo melhor dizendo, que hoje, aliás há já um século, não tem razão de existir. A Coimbra de Costa Brites não é a real, como à primeira vista parece. Nem todos aqueles telhados lá estão, nem todas as cores são aquelas, nem todas as ruas têm aquela inclinação. Mas é Coimbra, indiscutivelmente, que todos vemos nas suas telas, que todos reconhecemos e, mais que tudo, profundamente sentimos.

Como é então isto possível. Como explicar que tomemos, de novo, a nuvem por Juno, que aceitemos a ilusão por realidade, sem um protesto. É aqui que reside o grande mérito do artista. É por isto que é artista e não artífice.

Ele capta o que há de essencial, enfatizando-o, desprende o acessório ou relega-o para um plano secundário, de *quase adorno*. Não se limita a olhar e reproduzir, antes interpreta as formas, as cores, os espaços e recria-os, balançando entre a verdade e a miragem.

Este processo não é fácil, não é imediato, e Costa Brites tem vindo a aperfeiçoá-lo. Pouco a pouco as pessoas foram varridas das telas, saíram das ruas, os meios de transporte volatilizaram-se e apenas ficou a paisagem urbana — paredes, vias, árvores, etc. Mas a Coimbra de Costa Brites nem por isto é uma cidade fantasma. Não notamos a falta das gentes nas ruas. Pelo menos nós, os que aqui nascemos ou que aqui vivemos já há muito tempo. Porque, afinal, como o amante ciumento, todos queremos a cidade apenas e só para nós. Por isso aceitamos a ausência dos outros, mais, aplaudimo-la, para, no silêncio daquela luz fria e uniforme a possuímos ou sermos por ela possuídos, numa cumplicidade em que o secretismo é parte fundamental.

Em toda esta pintura, há o mérito de a ela aderirmos de imediato, somente quando amamos o objecto há muito e não à primeira vista.

Percorrer a obra de Costa Brites não é apenas um passeio turístico por mais uma cidade, pitoresca aqui, monumental acolá. Percorrer a obra de Costa Brites é penetrar fundo na essência de um espaço vivido e construído por gerações, de onde o artista previamente arrancou tudo o que podia distrair a atenção, desviar o olhar e perturbar os sentimentos.

Trabalhos morosamente elaborados, eles estão longe de ser frios, calculistas e pretensamente rigorosos. Apenas que nem todos amam da mesma maneira. À fugaz paixão, violenta até, dos impressionistas, opõe-se aqui a constância de quem saboreia cada momento, longa, longamente.

A Direcção do Museu Nacional Machado de Castro tem o prazer de apresentar mais uma exposição de Costa Brites, um pintor apaixonado pela cidade de Coimbra. Agradece-se ao Senhor Prof. Doutor Pedro Dias a introdução que escreveu para apresentação do artista.

Maria José Sampalo

COSTA BRITES

NOTA BIOGRÁFICA

- 1942 — Em Cernache do Bonjardim, nasce José Sebastião Gomes da Costa Brites.
- Estudos Secundários em Leiria; Aluno de desenho de Jorge Valadas e Narciso Costa.
- 1965 — Obtém diploma de guia-intérprete. Estuda história de Arte, Arquitectura e Artes decorativas, alicerçando o seu gosto pela Arte mediante visitas sistemáticas a monumentos, museus, galerias, etc.
- 1968 — Inicia em Ponta Delgada/Açores a sua carreira de funcionário do Banco de Portugal. Inserido no meio cultural açoriano, relaciona-se e colhe ensinamentos de pintores como Tomás Vieira e Rogério Silva, do escultor Canto da Maia, de escritores como Armando Córtes-Rodrigues, Dias de Melo (para quem ilustra uma capa) e outros. Inicia ali a sua carreira de pintor, expondo colectiva e individualmente em diversas Ilhas do Arquipélago.
- 1971 — Fixa residência em Coimbra onde prossegue (com Túlia Saldanha) a aprendizagem de técnicas de pintura. Faz artes gráficas e ilustrações, cenografia e pinturas para o teatro declamado, teatro de fantoches e ballet.
- 1980 — Abre um ciclo de novas exposições tendo como motivo central o estudo da paisagem urbana de Coimbra. Encontra-se representado na Colecção do Museu Nacional de Machado de Castro e em várias colecções particulares.
- 1986 — Março/Abril — Expõe em Lisboa, a convite do Sector Cultural dos Trabalhadores do Banco de Portugal, por ocasião da inauguração da nova Sede do B. P., e da reunião do Comité dos Sindicatos dos Bancos Centrais Europeus.
- Julho — passa a dedicar-se a tempo inteiro à actividade de artista plástico, mantendo o estatuto de empregado do Banco de Portugal. Encontra-se a realizar, por proposta aceite pela administração do B. P., um conjunto de trabalhos de pintura que irão fazer parte do património artístico daquela instituição, e que têm por tema as suas Agências no país.

CATÁLOGO

- 1 — **Portagem/Governo Civil**
(Col. Prof. Doutor Armando Lopes Porto)
- 2 — **Portagem/Canal**
(Col. Dr. José Luciano Correia de Oliveira)
- 3 — **Alta/S. Bartolomeu — I**
(Col. Dr. José Frederico)
- 4 — **Alta/S. Bartolomeu — II**
(Col. Dr. Telo de Moraes)
- 5 — **Alta/S. Bartolomeu — III**
(Col. Dr. Lopes Craveiro)
- 6 — **Alta/S. Bartolomeu — IV**
- 7 — **Praça Velha — I**
(Col. Profs. Doutores Helena Saldanha e Carlos de Oliveira)
- 8 — **Praça Velha — II**
(Col. Dr.^a Maria Luísa Fernando)
- 9 — **Praça Velha — III**
(Col. Dr. António Alberto Pereira da Costa)
- 10 — **Praça Velha — IV**
(Col. Dr. Dias Loureiro)
- 11 — **Alta/Palácio dos Coutinhos**
(Col. Dr.^a Maria Luísa Fernando)
- 12 — **Alta/Museu Machado de Castro — III**
(Col. Prof. Doutor Armando Lopes Porto)
- 13 — **Alta/Museu Machado de Castro — IV**
- 14 — **Praça Velha-S. Tiago**
- 15 — **Praça 8 de Maio — I**
(Col. Prof. Doutor Armando Lopes Porto)
- 16 — **Praça 8 de Maio — II**
(Col. Dr. António Alberto Pereira da Costa)
- 17 — **Quebra-Costas/S ta. Clara**
(Col. autor)

- 18 — Alta/Quebra-Costas — I
(Col. Dr. António Alberto Pereira da Costa)
- 19 — Alta/Quebra-Costas — II
- 20 — Santa Clara — I
(Col. Museu Nacional de Machado de Castro)
- 21 — Santa Clara/Portugal dos Pequenitos
(Col. Prof. Doutor Pedro Dias)
- 22 — Santa Clara — II
- 23 — Santa Clara — III
- 24 — Portagem/Banco de Portugal — I
- 25 — Portagem/Banco de Portugal — II
- 26 — "O quatro"
(Col. Dr. António Henriques Gaspar)
- 27 — Alta/bota abaixo
- 28 — Alta/Couraça dos Apóstolos — II
(Col. Amílcar David Ribeiro)
- 29 — Alta/Couraça dos Apóstolos — III
(Col. Dr. António Henriques Gaspar)
- 30 — Visconde da Luz/Corpo de Deus
(Col. Dr. António Henriques Gaspar)
- 31 — Alta/Santa Cruz
(Col. Eng. Nuno de Figueiredo)
- 32 — Alta/Praça Velha
- 33 — Chiado/Praça Velha
- 34 — Ladeira das Alpenduradas/Residência Lopes
Porto
(Col. Prof. Doutor Armando Lopes Porto)
- 35 — Sé Velha/Lanternim
(Col. Dr. Paulino Mota Tavares)

MUSEU NACIONAL de MACHADO de CASTRO

COSTA BRITES

EXPÕE
PINTURAS
do CICLO

“CIDADE de COIMBRA”

COIMBRA * 20 a 30 NOVEMBRO * 1986

capa:
"Visconde da Luz/Corpo de Deus"
acrílico s/ tela — (73×51 cm)
Col. Dr. António Henriques Gaspar

Composto e impresso
na Gráfica de Coimbra
Tiragem, 1000 ex.
Novembro de 1986
Depósito Legal n.º 13890/86